

## **Discursos sobre *controle* entre consumidores de cocaína**

Victor Cesar Torres de Mello Rangel<sup>1</sup>

**Resumo:** Procuo, neste artigo, analisar a categoria *controle*, se tratando de um elemento chave para se entender as cosmologias dos usuários de cocaína. O *controle* aparece centrado no indivíduo. Os usuários devem possuir certo domínio em relação à dosagem ingerida, independentemente das variações químicas presentes na substância, e saber o momento em que o uso deve ser interrompido, diminuído ou evitado. Contudo, por outro lado, o *controle* não aparece apenas associado à quantidade da substância ingerida, mas no *status* social do consumidor em questão.

**Palavras-chave:** cocaína, controle, representações sobre o consumo.

**Abstract:** In this article, I try to analyze the control category, which is a key element to understand the cosmologies of cocaine users. Control appears centered on the individual. Users must have a certain mastery of the dosage ingested, regardless of the chemical variations present in the substance, and know when the use should be interrupted, reduced or avoided. However, on the other hand, control is not only associated with the amount of the substance ingested, but also with the social status of the consumer in question.

**Keywords:** cocaine, control, representations about consumption.

### **Introdução**

O presente artigo foi escrito a partir da minha pesquisa de doutorado que teve como objetivo geral discutir e analisar diferentes discursos e conhecimentos sobre o consumo de cocaína entre consumidores e peritos criminais<sup>2</sup>. Em relação a esses consumidores, descrevo o universo dos usuários de cocaína, seus conhecimentos sobre a substância e os

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia pelo PPGA/UFF, pesquisador do INCT/InEAC e bolsista (TCT5) da FAPERJ.

<sup>2</sup> A pesquisa com usuários de cocaína foi realizada em um bar na região norte da cidade de Niterói – RJ entre os anos de 2015 a 2017. Neste mesmo período, fiz uma pesquisa comparativa com peritos criminais da polícia civil e polícia federal em laboratórios de análises de entorpecentes dessas instituições com apoio da CAPES (Bolsa Demanda Social) e da FAPERJ (Programa Bolsista Nota 10).

discursos diretamente relacionados a ela. Formas de uso, locais de compra, diferentes qualidades, com quem e onde usar, controle da quantidade, problemas com a polícia e com a justiça, hierarquizações entre usuários e suas classificações sobre *vício e controle*<sup>3</sup> no uso foram pontos analisados. Com isso, procurei refletir sobre como são elaborados saberes sobre a cocaína a partir do universo prático do consumo.

Neste texto, procuro refletir, especificamente, sobre a categoria *controle*, se tratando de um elemento chave para se entender as cosmologias dos usuários de cocaína. O *controle* aparece centrado no indivíduo. Os usuários devem possuir certo domínio em relação à dosagem ingerida, independentemente das variações químicas presentes na substância, e saber o momento em que o uso deve ser interrompido, diminuído ou evitado. Contudo, por outro lado, o *controle* não aparece apenas associado à quantidade da substância ingerida, mas no *status* social do consumidor em questão.

### **O controle entre consumidores de cocaína**

Foi possível observar que a categoria *controle* apareceu de diversas formas e sentidos para os consumidores durante o trabalho de campo. Antes de tudo, é importante ressaltar que é difícil de estabelecer padrões de consumo entre esses usuários em virtude da ampla variação no modo como estes usuários lidam com a cocaína. Alguns fazem um consumo quase cotidiano, outros utilizam semanalmente ou em períodos mais espaçados. O único traço em comum é que todos conhecem bem os rituais de uso e utilizam a substância há anos (variando entre cerca de cinco anos e quarenta anos de uso), portanto, não existe nenhum iniciante nesse universo de consumo da cocaína entre meus interlocutores<sup>4</sup>.

Uma das percepções sobre a ideia de *controle* para os usuários se relaciona à questão “comportamental e psicológica”, determinante para definir se o consumidor será ou não um *viciado*, de acordo com a concepção de alguns interlocutores. Anderson, que trabalha como fotógrafo, ao realizar uma autorreflexão assegura que sempre consumiu bebidas alcoólicas e que isso nunca alterou o seu comportamento, uma vez que considera

---

<sup>3</sup> As palavras em itálico utilizadas ao longo do texto são categorias ou expressões nativas. As frases com aspas e os trechos de entrevistas destacados em recuos foram reproduzidos na íntegra.

<sup>4</sup> A maioria desses usuários são homens e possuem entre trinta e cinco e setenta anos.

a lucidez algo essencial em sua vida, procurando sempre não *perder a linha* e manter a compostura. Para isso, em relação ao uso de cocaína, procura utilizá-la a partir de “doses homeopáticas”, evitando assim, ficar muito alterado. Quando percebe os primeiros sinais de que começou a exagerar na bebida e na cocaína, normalmente pede a conta e segue para sua residência. De fato, nunca observei Anderson bêbado ou com aspecto de *pancado*<sup>5</sup> durante o tempo que frequentei o bar, sempre discreto em alguma mesa tomando cerveja e conversando com amigos. O fotógrafo considera que o *controle* está intimamente relacionado com “questões do eu da pessoa” e, como possível consequência, a droga pode potencializar algumas reações que estavam retidas no interior dos usuários.

Tem pessoas que bebem para poder fazer merda, por exemplo, né?! Tem pessoas que cheiram para poder fazer merda e tal. Só que essas pessoas, assim, são pessoas muitas das vezes muito mal resolvidas, então elas têm muitas coisas guardadas nelas. Equando entra uma substância que altera o psicológico delas, aquilo tudo vem à tona. É um gancho. Aquilo tudo vem à tona e a pessoa se desequilibra. Só que esse tipo de pessoa... são pessoas, assim, problemáticas emocionalmente. Que não sabe lidar com suas questões pessoais<sup>6</sup>.

Nessa interpretação, a “questão emocional”, de acordo com Anderson, aparece como o elemento fundante no modo como o indivíduo se relaciona com a droga e como a “onda irá se manifestar”. Isso porque, na ótica do fotógrafo, a droga proporciona uma “reação química, biológica” para quem a usa, no entanto,

o que descaralha é a questão emocional. Cada um reage de uma forma. Aí vêm as questões intrínsecas de cada um. Como a pessoa se enxerga, como ela se sente, a questão da autoestima, os traumas, os complexos e tal. E aí quando a química reage... Porque tudo é químico, tudo é biológico e químico obviamente, só que tem a questão emocional. Que é como a gente se vê no mundo e tal. E aí isso cada pessoa vai ter de fato, uma reação diferente, entendeu? Pode-se fazer um experimento, pegar dez pessoas botar a mesma droga ali, todo mundo vai experimentar, mas se você for analisar cada um vai ter uma reação emocional diferente do outro, entendeu? E é puramente isso assim.

---

<sup>5</sup> Sob efeito da droga.

<sup>6</sup> Esses trechos em recuo selecionados foram partes de treze entrevistas gravadas que realizei com usuários de cocaína entre os anos de 2015 e 2016 na região norte da cidade de Niterói – RJ durante minha pesquisa de doutorado.

O que marca o autocontrole em relação ao consumo de cocaína, para Anderson e para outros usuários com quem conversei, é a forma como o consumidor enxerga e lida com a substância, ou, nas palavras do fotógrafo, é “o quanto você não se engana em relação a isso [se referindo à cocaína] e o quanto você é verdadeiro consigo mesmo para poder saber lidar com isso”. Quer dizer, até que ponto o usuário se permite em relação à droga e como que esta pessoa se enxerga em relação ao seu consumo.

Anderson considera que já teve períodos bons e ruins com a droga. No passado, ele se olhava de forma negativa, por ter passado por vários problemas pessoais no trabalho e, em decorrência disso, as pessoas acabavam por enxergá-lo também dessa maneira. Isso dava margem para que atuasse de modo autodestrutivo, ficando cada vez mais depressivo. Quando completou trinta e sete anos, deu início a uma guinada em sua vida, mudou de emprego e pediu demissão de um concurso público para atuar com o que sempre gostou de fazer, fotografia. Junto a essa mudança laboral, também começou a mudar outros hábitos em sua vida, como reduzir o uso de cocaína. Quando Anderson mudou “esse gatilho” em sua cabeça, tudo mudou e sua vida “começou a dar certo”. Considera que começou a ter mais autoestima e, nos dias que utiliza cocaína, não acorda tão combalido quanto antes, porque considera que os objetivos de vida dos tempos atuais são realmente importantes para colocar a droga como um obstáculo. A cocaína, então, é atualmente utilizada como uma forma de relaxamento e extravasamento, não como algo compulsivo.

O hábito aparece como um elemento primordial na visão de Anderson. O *vício* pode começar a ser manifestado no momento em que a pessoa cria um hábito e o introduz de modo demandante ao seu cotidiano. E nessas situações, quando o consumidor se vê *entregue* à droga, uma das saídas seria

substituir esse hábito, porque na verdade você fica é viciado no hábito, entendeu? Você não fica viciado na substância, você fica viciado no hábito. O meu hábito, por exemplo, é vir para cá, é tomar cerveja, é bater papo, é fumar um monte de cigarro, bater papapapapa [se referindo a usar cocaína], esse é o hábito. Se eu substituir esse hábito por um hábito mais prazeroso, aí é o momento que eu posso melhorar isso... Mas não significa que eu parei de gostar desse hábito. Mas aí vai de cada um querer melhorar isso da sua forma e substituindo esse hábito ou ir diminuindo ele. Porque na verdade, você fica viciado é no hábito mesmo.

A falta de ocupação e a falta de objetivos de vida colaboram, segundo Anderson, para a manutenção desse hábito. O fotógrafo considera que as pessoas mais humildes e com pouco conhecimento de si próprias, pelas dificuldades e sofrimentos presentes em suas respectivas vidas, são mais susceptíveis a colocarem a droga como eixo central em suas vidas. A falta de condições financeiras, acesso à educação e a bens culturais torna mais difícil que essas pessoas se entendam no mundo.

E a gente vive numa sociedade muito escrota, extremamente escrota. Porque você vê o Santos [um frequentador do bar de origem humilde], por exemplo, a forma como ele se coloca perante a gente já é uma forma subserviente, entendeu? Ele já se coloca numa posição inferior.

Pelo fato de vivermos em uma sociedade desigual e hierárquica, o *vício*, para as pessoas mais pobres, na visão do fotógrafo, é algo mais presente e aparente. Essas pessoas acabam vivendo a partir desse lugar de inferioridade, reduzindo suas expectativas e perspectivas, podendo encontrar na droga um tipo de prazer que não é ofertado em outras esferas da vida.

Por outro lado, outro frequentador do bar já considera que, para além dos efeitos sociais ou “questões sociológicas” que a cocaína pode causar nos diferentes consumidores, existe também uma questão a ser levada em consideração: a natureza da dependência química. Fernando, um professor da cidade, diferencia a cocaína, em contraste com outras drogas mais leves como a maconha, pelos seus efeitos mais nocivos, ainda mais pelo fato da mistura conter vários medicamentos e outras substâncias desconhecidas em sua composição. Sobre sua relação com a cocaína, não se considera *viciado* em pó nem em maconha, contudo, possui “sérios problemas com a cachaça”, algo de natureza “físico-químico” que o desequilibra completamente após o consumo da bebida. Mas, ao observar outros consumidores, entende que cocaína pode produzir, em maior ou menor grau dependendo do indivíduo, uma sensação de dependência ou “o negócio da *fissura*, o cara fica *fissurado*”. Apesar de assumir certo domínio, já passou por situações de pensar fixamente na cocaína “como se ela fosse uma linda mulher”.

Isso que o professor denomina de “natureza da dependência química” pode, em sua concepção, ser ativada com diversas substâncias, como a cocaína, álcool e tabaco. Mas,

ainda sim, em comparação a outras drogas como a maconha, entende que a cocaína provoca um maior nível de dependência química, resultando, às vezes, em relações individualizadas com a droga, o que não é muito comum com a *cannabis*. Relacionando o consumo a fases da vida, Fernando, assim como Anderson, considera que existem fases em que a pessoa pode ficar mais *vidrada* e susceptível à droga, como em um período de tempo no passado que ficava de mau humor e não parava de pensar na substância com certa frequência.

Pelo fato do professor considerar que a cocaína pode provocar um tipo de *fissura* peculiar que não ocorre com algumas outras drogas, é comum que usuários passem por “situações estranhas” quando desenvolvem essa reação pós-uso – principalmente quando a droga está terminando ou quando o indivíduo possui menos quantidade do que seu desejo de consumo. Certo dia, quando estava utilizando a droga em casa, reparou que a quantidade que possuía era insuficiente para sua demanda e se encontrava impossibilitado de angariar mais algumas doses. Após pensar sobre o que fazer sobre a questão, uma solução encontrada foi amassar um analgésico e misturar o medicamento junto ao *pó* para ter a sensação de aumento do volume de cocaína em sua posse. Com a maconha, jamais pensaria em colocar outra substância para prolongar o uso: “tá acabando, tá acabando. Não tem essa”.

A cocaína, se tratando de uma droga moderna, na visão de Fernando, tem a função de preencher muito bem os vazios da vida, sobretudo os momentos de dor. Foram nesses períodos que começou a utilizá-la de forma mais compulsiva.

Não é o problema da quantidade, mas o modo de uso, muito mais em circunstâncias que minha vida se encontrava em grandes turbulências. Quando tive que fazer o concurso, quando tive que ser pai, quando tive que me separar, quando perdi meu pai. Sejam as turbulências boas ou ruins. Mais as ruins, sobretudo. Porque ela termina se tornando um dispositivo de preenchimento de um vazio. Que acho que é próprio nesse sentido do sentimento moderno. O que a metrópole provoca na relação do outro? Essa relação *blasé*! O *pó* acaba preenchendo esses vazios. Você ser indiferente ao outro e a si mesmo. Esses vazios existenciais o *pó* virava um meio de preencher esse vazio. O que é interessante porque você suga, né? Você não injeta. Esses que a gente cheira preenchem tanto que você fica com nariz entupido, não consegue nem respirar (risos). Como se o exercício metafórico da inalação suprisse uma lacuna no preenchimento do meu ser. Por isso essa droga é tão difundida na modernidade. Esse vazio da modernidade. Esse olhar *blasé*. A maconha não preenche, ela é

fumaça. O contrário, ela abre. Ela exercita o seu poder de abstração, de abertura. O pó não: é para dentro.

A fase que Fernando mais consumiu a substância foi quando retornou após um ano de trabalho em um país da Europa. Uma das justificativas foi que seu retorno proporcionou um sentimento de desordem com suas raízes, meio que sem saber definir bem sua identidade após essa experiência. O professor teve que se reambientar, após uma mudança radical em seu estilo de vida quando esteve ausente do país, tendo alguns problemas durante essa readaptação. A droga, então, serviu como uma muleta para esses momentos de instabilidade emocional. Esse sentimento de desterritorialização, além de outros momentos, como quando se divorciou, favoreceu esse período de carência de *controle* em relação à substância.

Partindo de outra perspectiva, outro consumidor acredita que “a mídia faz muito sensacionalismo em cima da coisa”, se referindo aos efeitos maléficos da substância sobre o indivíduo. Jefferson, um ex-lutador e consumidor frequente da substância, acredita que por crescer no meio de pessoas mais velhas e experientes e todas apresentarem um “princípio bom”, isso colaborou para a formação do seu caráter e, por conseguinte, a forma como lida com o consumo. Jefferson explica que sua família é sólida, seu pai tinha um bom emprego como militar, o que colaborou para essa estrutura familiar mencionada. Contudo, apesar da importância da formação familiar, pondera que nem todos estão preparados para utilizar essa droga, pelo fato de alguns possuírem uma “mente fraca, um problema de caráter, além do negócio que disse antes, sobre a educação”. Se o consumidor não tiver

chão para poder usar, não pode usar nada, né? Nem maconha, nem beber... Porque se você não tiver bem com você, tiver bem na sua casa, o problema de casa normalmente vai para rua, nunca da rua para casa. Aí a coisa toda desanda, né? Tudo são princípios. Se você tiver uma vida agradável, se você tiver bem com sua família, com sua mulher, com seu pai, com sua mãe, com seus filhos, não tiver desavenças, eu acho que não faz mal nenhum [usar cocaína], não influi.

Quando citei o caso de outro consumidor que é considerado ser proveniente de uma boa família, mas algumas pessoas no bar o consideravam sem *controle* em relação ao uso

de cocaína, Jefferson respondeu que seu problema era “exclusivamente de caráter”. Atribui, assim, os eventuais deslizes a questões éticas e morais subjetivas.

Você pode ter uma família estruturada, mas se você não tiver o caráter... Cara, eu já fiquei sabendo aí, eu não estou afirmando nada, me disseram que Careca já roubou isso, já roubou aquilo. Po, eu faço uso e não tenho coragem de pegar nada de ninguém, o cigarro eu peço por vergonha de não ter, mas eu peço, não peço a todo mundo. Têm pessoas, umas pessoas certas que você chega e pede um cigarro, um real emprestado para inteirar uma cerveja, comprar uma cachaça. Às vezes você não tem, eu estou desempregado (...). Eu não vou pedir dinheiro para minha esposa que está trabalhando, que está segurando uma barra danada para mim, né, para cheirar, para fazer uso de nada, então eu corro meu risco [se refere a *fazer bondes*<sup>7</sup>] para colocar pão, por exemplo, leite, um queijo, uma carne, um peixe, um frango em casa para a gente. Feijão, arroz, vai faltando, eu vejo a dificuldade, eu não vou pedir para ela comprar, não vou esperar que ela compre. Eu vou e compro mesmo passando pelo perrengue, pelo perigo que eu passo [fazendo *bondes*], e fazendo uso, né [de cocaína]?! Eu acho que o problema aí é de caráter mesmo.

No entanto, nem sempre o discurso consegue acompanhar a prática, uma vez que Jefferson não consegue seguir à risca essa sua teoria em todos os momentos da vida. Apesar de sempre reforçar esses valores de caráter e boa conduta com seus amigos e clientes, por vezes ele *vacilou* e *deu voltas* em clientes durante esse trabalho de busca de drogas. Eu presenciei pelo menos duas vezes isso acontecer. Em um desses casos, foi solicitado a Jefferson o serviço de busca de cocaína e o ex-lutador não regressou com a encomenda, permanecendo alguns meses sem aparecer no bar. Certamente, esse sumiço se deu por vergonha e talvez pelo rapaz não ter muitas condições de saldar a dívida desse seu golpe. Vinícius, o rapaz que encomendou o serviço, ficou muito sentido pela *volta* tomada, pelo mesmo fato de sempre *fortalecer* o *bonde* em várias ocasiões. Provavelmente, Jefferson também reconheceu que agiu de má fé com a pessoa errada, ficando com o *filme queimado* no estabelecimento. Tempos depois do ocorrido, Jefferson encontrou Vinícius no bar e o último foi reclamar pelo ato de desconsideração. O *bonde* pediu desculpas pelo *vacilo* e disse que “todo ser humano é passível de erro” e que iria entregar o dinheiro para Vovô, um dos amigos de Vinícius, devolver.

---

<sup>7</sup> Os *bondes* são pessoas que cobram um valor em dinheiro para buscar drogas em favelas próximas ao bar. Também são chamados de *aviões* ou *boys*.



Assim como Jefferson, outros usuários também consideram que uma boa educação e o caráter individual são elementos fundamentais na forma como o consumidor de cocaína irá conseguir manter ou não o *controle*. Jonas, um ex-modelo, considera que para todas as esferas da vida

...você tem que ter uma base. Como eu já falei eu sou antiga, cafona [ele se refere, por vezes durante a entrevista, no feminino]. Eu sou família por incrível que pareça. Agradeço [às pessoas]... Eu acho que educação vale muito a pena. Educação tanto de colégio quanto de mãe e pai que lhe dá..., o respeito. É muito de cabeça. O que eu vejo, porque a pessoa está desestruturada. O negócio foi de outra forma. Ai... Eu acho que a base é a família mesmo, sabe. Geralmente essas pessoas que ficam mais, destruída, acabada, mais entregue, elas têm muito problema. Aí vem um homem bonito destruído, é a droga..., drogou tudo de uma vez e fica mais fraco, mais entregue. Pegar isso aqui e vender? [Ergue o telefone nesse momento]. Nunca meu amor! Meu celular pode ser desse pequenininho antigo, mas é meu, eu vou ali trocar? Tá louco, imagina.

A tendência no uso de cocaína, para Jonas, é corromper os usuários e “te dar uma destruída”. Ele cita o próprio exemplo, em que, às vezes, está em casa à tarde sem fazer nada, desce e compra uma *cápsula* de cocaína em uma favela próxima de sua residência e fica cheirando em casa sozinho.

Duas horas da tarde. Para que isso, gente? Para que? Deu uma dominada. Que isso? Não estou aqui bebendo. Estou em casa. Boto o tênis, entro, compro, subo de novo para casa. Que isso? Com mamãe em casa... Aí você veja, que loucura. Para que? Aí no meio do processo eu já estou me culpando. Gente olha só. Jonas, você não podia ter feito isso mais tarde quando já estava na rua? Que já estaria na rua bebendo. Mas isso foi várias vezes, várias vezes. Hoje, posso citar hoje, quando eu estava vindo, que eu falei com você no carro. Eu falei assim, eu estava no carro com minha tia. Eu estava pensando, eu vou pedir para ela me deixar, e eu dizer que iria ao mercado. Eu vou lá comprar. Aí eu falei: “não Jonas, para casa menino, para que que você tem que parar?”. Ah, não, esperai... Consegui. Fui para casa bonitinho, desci agora. Mas ela é muito destrutiva, destrutiva.

Jonas considera, diferente de Fernando, que é uma desculpa dizer que o uso de cocaína é iniciado ou intensificado por alguma frustração ou problemas que recaem sobre o indivíduo. O ex-modelo garante que sempre lidou com as drogas como um meio de distração, inclusive com a cocaína. Mas, percebe que, atualmente, anda utilizando a substância de modo mais acentuado do que deveria, apesar de não considerar que perdeu totalmente o *controle*: “eu acho que saí um pouco do *controle*, com *controle*, mas saí.

Coisinhas desnecessárias acontecem”. Ou seja, para Jonas perder totalmente o *controle* é quando o usuário prejudica alguém para conseguir a substância, como roubar, ou quando começa a se desfazer de seus bens materiais para conseguir arcar com seu consumo. Apesar de asseverar que nunca faria esse tipo de coisa (como lesar alguém), comete alguns deslizes que o acabam prejudicando momentaneamente – deixar de pagar contas, por exemplo, como assumiu que havia ocorrido, recentemente, em relação à despesa de sua televisão a cabo, utilizando o dinheiro para *cheirar*. Além de deixar de cumprir esses pequenos compromissos, o consumo de cocaína influencia atualmente no modo como escolhe adquirir certos produtos, como no caso em que trocou o hidratante que sempre fazia uso por outro de uma marca mais barata, empregando diferença economizada na compra de cocaína.

Eu sempre fui uma pessoa bem vaidosa. Você deixa de fazer muitas coisas [para usar cocaína]. Vou abicharar agora. (Risos). Mas é uma coisa isso... Eu agora estou usando o creme Nívea, meu amor. Eu sempre usei Victoria's Secret no corpo, porque o dinheiro do Victoria's Secret dá para comprar um nãñã [se referindo à cocaína]. Mas se alguém me der de presente... (Risos). Ainda bem que eu tenho uma mãe. Mas é um exemplo. É verdade. Foi o que eu lembrei no banheiro agora, eu olhei meu cabelo, está precisando de uma hidratação. Aonde eu tinha essa espiga de milho na minha vida? Eu me cobro, cobro, sabe, por incrível que pareça. (...). Um pote de creme que uso é uma fortuna, eu tenho vários, né? Aí o que acontece, o que eu lembrei quando olhei o cabelo? Eu já tive o dinheiro para [fazer a hidratação], falei que ia fazer e botei dentro do pote do bonito, na embalagem do importado caro. Comprei ali um Nívea, um Davene, seja lá o que for, botei lá e fiquei com o dinheiro para *meter a nareba*. A gente se sabota. Sabota muito. (...). Eu conheço meninas mais bonitas, bom exemplo esse... Eu conheço meninas bonitas, essas do [tempo em que morou] Rio ainda, que começaram comigo e usavam mais: estão acabadas.

Esse seu descontrole dentro de certo *controle* apenas o prejudica, em sua visão. Isso porque o consumo “virou uma necessidade”, algo ligado a uma compulsão. O hábito ocupou um largo espaço em sua vida. Jonas considera, assim como Anderson, que tem horas que nem importa tanto mais a qualidade da substância. No final da noite, por exemplo, o ex-modelo afirma que se colocarem “Dona Benta [se referindo a uma marca de fermento], eu topo, eu só quero abaixar a cabeça e levantar, e fazer” [simula o ato de cheirar].

Jonas encara o consumo e o *vício* de cocaína de maneira parecida com as ideias do evolucionismo unilinear, contudo, a caminhada seguiria para uma direção contrária. O ex-modelo acredita que existem diferentes gradações acerca do uso de cocaína que variam entre pessoas e do tempo de uso. Consequentemente, todos os consumidores caminhariam em direção à deterioração, alguns em estágios mais avançados, outros menos. Quando indaguei sobre a diferença entre usuários, se esse caminho poderia ser distinto de acordo com alguns elementos socioeconômicos, por exemplo, Jonas respondeu que o indivíduo que possui boas condições financeiras poderia ter uma vida mais

confortável, bebendo muito whisky. Mas aí tem outro lado nua e crua da minha safadeza. Acho que você iria cheirar um melhor produto. Aí, porém, você pode se matar mais rápido, né? Você não vai fazer esse negócio de dez [reais]. Vai ser tipo aquele do começo da Help [uma antiga boate do Rio de Janeiro]. Que era uns negócios desses tamanhos [simula com as mãos uma *carreira* grande], que uma era só, era pá! [O suficiente para o consumidor]. A bebida iria ser muito mais poderosa e depois você ia cair no coquetel do remédio, e mesmo que não caísse no coquetel do remédio. Eu acho muito mais perigoso com dinheiro. Mas também, é... [pensa]. Mas aí pode ter um dia para ir a uma clínica dar uma desintoxicada, e voltar, né? Mas espera aí, gente, vou fazer disso um *spa*?! Todo ano vou ali e volto. Não vai dar muito certo, será? Tudo demais, né? Tipo uma plástica, eu fiz cinquenta vezes, como exemplo, vai todas às vezes funcionar? Não vai gente! Tem hora que não vai ter nada mais que puxar. Porém, tem toda uma vantagem, tem muito mais conforto. Você não vai fazer tanta merda, como eu falei de cheirar meu dinheiro de TV a cabo, as pessoas mais fracas não vão vender um celular, não vai roubar uma mãe, não vai passar a perna num amigo. Você não vai ficar feio. Porque isso te deixa horroroso, esteticamente. Vou aboiolar de novo. (Risos). Esteticamente te deixa horrível. Um palito, cara de defunto. Não quer pintar o cabelo, a unha... e vira noite. Vai te fazer mal algum dia de alguma maneira. Te corrompe. Muito mais mal do que bem. Preferia não ter provado essa filha da puta. [Pausa]. Tem um aí, pesquisador? Só para terminar com uma gracinha. (Risos).

Essa forma de representar o consumo de cocaína, que chamei de evolucionista linear às avessas, é comum para muitos usuários. Outro consumidor, assim como Jonas, considera que o *usuário* tende a evoluir para a categoria de *viciado* com o passar do tempo, independentemente de suas especificidades subjetivas – corroborando o antigo ideal de “unidade psíquica do homem” (Morgan, 1973) – e da sua condição socioeconômica e cultural. Segundo Santos, uma das pessoas que realiza *bondes* no bar, o consumidor passa por

um período que ele está classificado nessa fase de *usuário*. Ele vai estar nessa classe como *usuário*, nessa chave de *usuário* não por muito tempo. Porque com tempo ele vai mudando seu modo de pensar, seus neurônios vão começar a enfraquecer. Vale para todo mundo, tá? Não tem exceção de pessoa. A cocaína é igual mulher, deixa o homem sem vergonha. Não tem esse não tem aquele. Pode ser machão e não sei o que, mas perde para ela. E perde como, na força? Não, você perde para ela na mentalidade! Que a mente da mulher é muito mais avançada do que a do homem. Em termos de maturação, ela é mais madura que o homem. Já vem de berço dela, naturalmente dela, não é que ela quer não. Porque deus tirou a força física dela, mas em compensação, compensou ela com essa sabedoria que nós não temos. Não tem esse, não tem aquele. Então cocaína é a mesma coisa. Se você é usuário, você trabalha, você sabe que não pode cheirar todo dia. Você sabe que não pode vender suas coisas de casa para cheirar, você sabe... Por enquanto. Não se iluda com isso. Porque de acordo que o tempo vai passando, ela vai roubando um pouco da sua dignidade. Cada dia ela tira uma graninha. Você pode ter mil quilos de dignidade, mas você vai ter que ficar anos perdendo... É a mesma coisa de você ter um saco de açúcar e fazer um furinho com agulha. O saco que era cheio vai esvaziando, independentemente do tamanho.

Partindo de outra perspectiva diferente de Jonas e Santos, Galvão, um funcionário de uma universidade local, considera existir diferentes formas de lidar com a cocaína de acordo com os distintos sujeitos. No entanto, concorda com a visão que existem algumas pessoas que, de fato, são mais autodestrutivas que outras, por não saberem lidar de forma amigável com a droga, colocando-a como o centro de suas vidas. Alguns usuários do bar lidam com a cocaína dessa forma, vivendo rotineiramente nessa situação de consumo excessivo e não conseguindo obter nenhum tipo de *controle*, nas palavras de Galvão, “dominadas por aquela sensação de euforia”. Assim como Fernando, também compreende que essas pessoas possuem um enorme vazio existencial, ligados a problemas financeiros, familiares e frustrações. Em uma das inúmeras conversas que travamos sobre esse tema, falou sobre um amigo que viveu toda a vida *careta*, e no dia em que foi abandonado por sua esposa, começou a cheirar até o dia em que veio a falecer. Galvão considera que os excessos devem ser acolhidos como um problema de saúde pública, não como um problema de polícia, já que o consumo é uma escolha relativa à esfera privada.

Eu estou com Keith Richards [músico britânico]. Uma vez ele foi preso e o jornalista perguntou para ele assim: “você tem algum problema com drogas?”. Ele respondeu assim: “quem tem é a polícia!”. Eu faço o que quiser com meu corpo, da minha vida e tal.

A forma como os usuários reagem às drogas é algo muito heterogêneo, na visão de Galvão. Como exemplo, ele possui um amigo que fica extremamente agradável quando fuma um *baseado*, no entanto, quando usa cocaína, se transforma num cara insuportável: “todo mundo corre dele”. Essa reação à cocaína, na concepção de Galvão, se refere ao fato de seu companheiro ser muito compulsivo, tudo se transforma em “uma guerra” para resistir à tentação e não sair para a rua em busca de *pó*. Nessas tentativas de se esquivar da sedução que a cocaína lhe acarreta, começou, inclusive, a mudar seus hábitos, passando, por exemplo, a beber cerveja sem álcool. Esses sentimentos que a droga proporciona

está dentro de cada um. Cada um reage de uma forma. Não existe uma definição disso. Eu não sei. Na hora lá eu uso para me divertir e acabou. Às vezes é chato porque fica com o nariz todo fodido e nego [traficantes] mistura muito. Agora, a intensidade que isso pode provocar em um ser humano é inerente a uma resposta. É uma resposta de cada um. Depende de quem seja você. Entendeu?

O *controle* também é relacionado a compromissos e responsabilidades adquiridos durante a vida. Para Montes, comerciante da região, o consumo se torna mais comedido ou não de acordo como os usuários estabelecem relações e “dão a devida importância” às pessoas próximas de seu círculo social – como a mulher, os pais e os filhos – e, também, ao seu trabalho. Isso é totalmente influenciado pela forma como o indivíduo foi criado, em sua concepção, no que se refere ao âmbito familiar e em seus princípios. Mas esse “equilíbrio” é muito difícil de estabelecer, pelo prazer (ou pela sedução, elencada por Galvão) que a substância proporciona ao usuário.

Porque é realmente muito difícil ter esse *controle*, porque o prazer que move o ser humano. Quando você tem o prazer em uma determinada situação, você vai se envolvendo cada vez mais. Porque a droga te traz um prazer. Isso é verídico. Só que você tem que dosar o que te traz prazer. É complicada essa questão. Esse equilíbrio é muito difícil. Algumas pessoas querem e não conseguem porque são movidos pelo prazer. Você trabalha para você ter uma mulher, para você trepar, que é o que acontece. Você quer sexo. Que é o prazer. E você se subordina a várias coisas, porque você tem aquela meta. Aí vem os filhos, aí muda seus objetivos. Além do prazer com a mulher, você tem a responsabilidade, pelo menos para os pais que amam e têm consciência da responsabilidade. E você tem que honrar o que você fez.

O problema do *excesso*, na visão de Montes, pode acontecer com várias substâncias, o fumo, o álcool, a comida, tudo isso pode ser utilizado de maneira compulsiva, como no caso da cocaína. Apesar de considerar que a droga possui mais malefícios que benefícios, o comerciante assume que a substância proporciona também coisas boas, “não vamos ser hipócritas”. Um desses benefícios seria a construção de formas de socializações, muitas de caráter profícuo, o que denomina de “convívio social e trocas de informações”.

Por exemplo, eu estou aqui conversando com você em função disso, é uma coisa legal. Eu obtive informações semana passada... Eu estava querendo fazer um trabalho de madeira, estava conversando com um marceneiro. Ele me disse: “olha, Montes, faz assim desse modo, usa óleo de linhaça e ficou um trabalho muito bom. O único benefício que eu vejo é o convívio social e a troca de informações. É a única coisa que eu vejo, tirando o bem-estar que a droga lhe proporciona. É o único benefício que eu vejo. O resto é tudo nocivo. Se gasta grana, não é muito legal.

Armando, um senhor que mora em uma favela próxima, é outro consumidor que concorda que o *controle* no uso está ligado, principalmente, a uma esfera psicológica. Pelo fato de ter ficado décadas preso, considera que sua história de vida é um exemplo para derrubar a tese de que as pessoas só consomem a substância quando estão mal consigo mesmas.

Isso tudo é uma questão da mente. Porque se eu cismar, eu paro. Até o cigarro, se eu cismar, eu paro. As pessoas que usame deixam se levar, é porque a mente é fraca. As pessoas não são preparadas. É fraqueza mesma. Porque ninguém faz isso obrigado. O cara usa a droga, mas a droga não pode usar ele. Cada organismo tem a sua reação. Tem gente que cheira e não come e tem cheira e belisca aqui, um salgado... Cada organismo tem uma reação. Tem gente que usa um pouquinho e perde até a casa. Esses caras têm que parar. Eles têm que fortalecer a mente. É uma consequência grave. Ele deixa a droga usar ele. Ele não usa a droga. Porque usar a droga para se divertir, curtir, tirar uma onda... Mas deixar a droga te usar e você *perder a frente* é outra coisa, certo? São diferentes. Tem gente que usa a droga e murcha. Fica no canto e não faz nada. Tem uns que já falam, querem andar, não sei o que. E tem gente que usa que *perde a frente*. Ele começa a usar e não quer parar. Mas isso tem que ter um limite. Seu corpo, até a própria mente, cansa. Ele tem que saber onde parar e aonde tem que ir. Se não tiver esse controle *perde a frente* de tudo. Eu podia ser revoltado, um pirado da vida. Minha mente eu sei trabalhar perfeito. Trinta e quatro anos de cadeia.

A falta de *controle*, para Armando, é quando o consumidor não tem forças para viver sem a presença da droga em seu cotidiano. Assim como Anderson, Armando

reconhece que transformar o consumo em hábito promove essa situação de descontrole, e para conseguir sair desse quadro, tem que ter muito esforço individual do sujeito em questão.

*Viciado é porque ele não pode viver sem aquilo. Ele deixou aquilo entranhar dentro dele. E psicologicamente leva como um vício. Interna, mas se não tiver força de vontade não vai parar. Aí vai tomar outra droga, que é o remédio. Para você parar, tem que querer. Não adianta. Nada vai fazer você parar, a não ser o criador. O resto não faz. Você faz por livre espontânea vontade. Eu dou uns tecos por sem-vergonhice. É porque eu me sinto bem, mas eu não fico em função [da cocaína].*

Alguns usuários classificam a condição de *viciado* nos casos em que o indivíduo se encontra em uma posição de total deterioração. A imagem que se correlaciona a essa concepção é a dos usuários de crack, mostrada corriqueiramente pela mídia, abandonados em regiões degradadas – chamadas de *cracolândias* –, maltrapilhos e sem nenhum tipo de perspectiva de vida. Essa visão homogeneizante poderia ser desmistificada se tivéssemos mais produções acadêmicas sobre esses usuários fora desses lugares, em termos geográfico e moral, que normalmente estão associados. Ora, assim como a cocaína e as outras drogas lícitas e ilícitas, o consumo de crack, rotulado como “um caminho sem volta”, também é realizado de diferentes formas. Lembro que no ano de 2006, quando participei de um congresso na Universidade Federal da Bahia, conheci um aluno do curso de Comunicação Social que era usuário da droga há cerca de dois anos, sempre utilizando uma dose única no período noturno. Apesar do seu anseio de não consumir mais a substância, o estudante conseguia seguir uma vida “normal”: tinha uma namorada, cursava uma graduação em uma reconhecida universidade pública e tinha uma boa rede de relações sociais fora do contexto de consumo. Santos é um dos usuários que classifica alguém como *viciado* a partir dessa imagem de aviltamento.

O dependente químico, ele fica completamente jogado às traças. Porque ele não consegue enxergar um palmo além do nariz, em relação à droga. Ele já faz tudo pensando na droga. Ele trabalha pensando na droga, quando ele consegue trabalhar, porque o viciado mesmo ele não consegue trabalhar, o cara está se debatendo... Ele fica um tempo no serviço, mas não quer dizer que ele está desempenhando legal no estado dele normal. Ele está forçando a barra. Ele vê o recurso de trabalhar porque ele precisa manter aquele uso ali. E se caso alguém atropelar ele no serviço e ele sair, ele vai fazer doídera. Porque nós

perdemos o amor completamente dos nossos pertences pessoais se nós estamos na classificação de *viciado*. Além de ficar acabado, sujo, sem amor por ele mesmo.

### **Estigmas, controles e representações**

É possível notar que a categoria *controle* possui distintas concepções de acordo com os usuários. Alguns ressaltam o aspecto fisiológico da droga no organismo, já outros reforçam as interferências que a substância produz, em termos individuais/psicológicos, e outros elencam aspectos socioculturais. Essas distintas representações demonstram como a categoria biomédica de *dependência química* acaba homogeneizando consumidores, estabelecendo padrões de consumos e não consegue dar conta dos aspectos individuais e sociais, e nem mesmo das variações fisiológicas dos diferentes organismos em contato com a cocaína. A representação sobre a cocaína tende a ser estereotipada, entretanto, o próprio consumo tende a ser representado de distintas maneiras, a depender do público e do contexto. Um dos interlocutores do campo, Ciro, que trabalhou como maquiador em uma novela bastante popular na década de noventa, produzida por uma grande rede de televisão brasileira, conta que o consumo de cocaína pelos atores era, em suas palavras, “algo muito natural, realizado quase que diariamente”. Existem também diferenças em como a cocaína é vista em subúrbios e favelas, onde o contato com a droga e com usuários, por moradores, é muito mais intenso do que em algumas outras regiões, como em bairros caracterizados como de classe média. MacRae (2001) já nos chama atenção há algumas décadas sobre como determinados eventos<sup>8</sup> pode tornar o consumo de drogas mais aceito do que em outras circunstâncias.

No que toca à experiência direta dos usuários, a maioria argumenta que o consumo tem a finalidade de extravasamento, seja de coisas boas ou coisas ruins. Ou uma forma, segundo Vargas (2006) de “sair de si”, em maior ou menor medida, uma vez que a fuga desse *controle* é o agenciamento almejado. Contudo, esse “sair de si” pode ser arriscado no sentido da ação da própria substância em relação à recepção subjetiva do consumidor, mas, sobretudo, ao modo como essa experiência pode ser rotulada socialmente a partir dos diferentes indivíduos.

---

<sup>8</sup> Entre alguns exemplos, ele relata o uso de inalantes variados, como o “cheirinho de loló”.



Logo, podemos apontar que o estigma aparece como uma categoria que norteia diretamente as representações sobre o *controle* no consumo de cocaína. Eliminando as influências de caráter psicológica e orgânica, e trazendo à tona apenas os aspectos sociais (tomados como elementos centrais nesse trabalho), podemos induzir que essas *noias* e *fissuras* seriam atribuídas com maior frequência aos consumidores mais precarizados, como os *bondes* e *vermes*<sup>9</sup>, pelo fato de serem considerados mais *entregues* às drogas pelos demais usuários. Grupos de classe média que frequentam o bar não são estigmatizados por grande parte dos frequentadores porque, além de mostrarem-se como profissionais bem-sucedidos em relação aos demais grupos e apresentarem-se como pessoas comprometidas com o trabalho e a família, não precisam e fazem questão de não mostrar ou esconder – principalmente para os *normais*<sup>10</sup> – que fazem uso da substância. Goffman chama essa ocultação de *encobrimento* (1988, 84) e Becker de *desvio secreto* (2008, 31).

O indivíduo estigmatizado é representado como alguém que não é “completamente humano” (Goffman, 1988). Falta algo de natureza física, mental ou moral. Ou seja, falta *controle*. “Drogado”, “viciado”, “alcoólatra”, “ex-presidiário” e “golpista” são alguns dos estigmas que, pensando o bar em que realizei a pesquisa, *vermes* e *bondes* carregam denotando suas inferioridades em relação a outros grupos.

Grund (1993), em sua pesquisa sobre consumidores de cocaína e heroína na Holanda, afirma ter encontrado maiores problemas decorrentes ao consumo dessas substâncias entre consumidores de origem holandesa, vistos como “usuários bem-sucedidos”, em relação a seus fornecedores (também consumidores) surinameses/antilhanos, normalmente bem mais estigmatizados pela população em geral. Contudo, a boa quantidade de dinheiro arrecadado pelos consumidores/vendedores e seu decorrente cálculo racional, em virtude de suas obrigações comerciais e regras de consumo, proporcionavam que os imigrantes fossem, na prática, os usuários “bem-sucedidos”. Ou

---

<sup>9</sup> Esse grupo é constituído, segundo clientes do bar, por pedintes, golpistas, alcoólatras e *viciados* que não conseguem arcar com sua própria droga, tendo que recorrer a golpes e a mendicância. Os *vermes* também são chamados de outros nomes, como *171*, *vacilão*, *cachaça*, entre outros.

<sup>10</sup> Howard Becker também utiliza a categoria “normal” no mesmo sentido utilizado por Goffman.

seja, o estigma, nesse caso, era marcado muito mais pela origem dessas pessoas do que pelos hábitos de consumo desses dois grupos.

O estigma, nesse cenário, está diretamente ligado a estruturas hierárquicas e desiguais presentes no contexto brasileiro. Isso porque nosso país é marcado por uma lógica hierárquica e desigual na esfera cultural (DaMatta, 1983) e, conseqüentemente, no âmbito da justiça criminal (Kant de Lima, 2008). Logo, essa desigualdade de indivíduos no âmbito social produz uma série de classificações entre consumidores e não consumidores, mas também entre os próprios usuários a partir dos diferentes *status* sociais.

### Referências Bibliográficas

BECKER, Howard S. *Outsiders: Studies in the sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1966.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. MATTA, Roberto da. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GOFFMAN, Ervin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*. Perspectiva. 1974.

GRUND, J.P.C. *Drug use as a social ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation*. Rotterdam: Instituut voor Verslavingsonderzoek (IVO), 1993.

KANT DE LIMA, Roberto. *Ensaio de Antropologia e de Direito*. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 2008.

\_\_\_\_\_. *A polícia da cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos*. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

MACRAE, Edward. *Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos. Dependência de Drogas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

\_\_\_\_\_. e SIMÕES, Júlio Assis. *Rodas de Fumo: O uso da maconha entre camadas médias urbanas*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MORGAN, Lewis. *A sociedade primitiva*. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1973.

VARGAS, Eduardo Viana. *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de drogas*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

\_\_\_\_\_. *Uso de drogas: a alter-ação como evento*. Revista de Antropologia, vol.49. Nº2. São Paulo, 2006.